

Geraldo Viramundo: um grande mentecapto

[*Geraldo Viramundo: the great madman*]

MARAIZA ALMEIDA RUIZ DE CASTRO

Mestranda da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; Bolsista CAPES.
[maraiza_ruiz@hotmail.com]

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a complexidade e a ambivalência de Geraldo Viramundo, protagonista do romance brasileiro *O Grande Mentecapto*, de Fernando Sabino. Nessa análise, serão discutidas as identidades e máscaras do personagem, além de seu comportamento desviante, sua figura física grotesca e seu discurso incomum. Dessa maneira, será possível mostrar que *O Grande Mentecapto* é uma obra que se filia à tradição literária carnalizada, pois tem um protagonista multifacetado que, por meio de sua percepção crítica, revela o absurdo das situações e luta pela liberdade e pela dignidade humana. Portanto, Geraldo Viramundo traz as inversões, o princípio cômico e a visão crítica e renovadora dos anti-heróis carnalizados. Para isso, serão utilizados principalmente os estudos de Bakhtin (1999) a respeito da carnalização.

Palavras-chave

Carnalização; O grande mentecapto; Anti-herói.

ABSTRACT

The aim of this article is to analyze the complexity and the ambivalence of Geraldo Viramundo, protagonist of the novel O Grande Mentecapto, by Fernando Sabino. In this analysis, we will discuss the character's identities and masks in addition to his deviant behavior, his physical grotesque figure and unusual speech. Thus, it will be possible to show that O Grande Mentecapto is a work that joins to the carnivalized literary tradition, because it has a multifaceted protagonist that, through his critical perception, reveals the absurdity of the situations and the struggle for freedom and for human dignity. Therefore, Geraldo Viramundo brings the inversions, the comic principle and the critical and renewing view of carnivalized antiheroes. Bakhtin's studies (1999), regarding to the carnivalization, will mainly be used for this discussion.

Key-words

Carnalization; O Grande Mentecapto; Antihero.

Introdução: a literatura carnalizada

Para que se possa compreender como Geraldo Viramundo é, em uma obra carnalizada, um protagonista complexo e ambivalente, é necessário primeiramente entender as características e a origem dessa tradição literária. A esse respeito, Bakhtin (1999), em seu estudo sobre a obra de Rabelais, afirma que a literatura carnalizada está intimamente relacionada aos rituais carnavalescos medievais. Nessa época, os festejos oficiais possuíam um tom sério por terem a finalidade de consagrar o regime social vigente. Em contraposição a essa festa oficial, surgiram os rituais carnavalescos que tinham como principais características o caráter não oficial, a abolição das relações hierárquicas, o contato livre e familiar e o princípio cômico.

Esses rituais duravam cerca de três meses e constituíam a segunda vida do povo, pois, no carnaval, a população fugia dos moldes da vida ordinária e passava a viver o jogo carnavalesco: [...] “o jogo fazia o homem sair dos trilhos da vida comum, liberava-o das suas leis e regras, substituía às convenções correntes outras convenções mais densas, alegres e ligeiras” (BAKHTIN, 1999, p. 204).

Nessa época, o povo abandonava a rotina diária e os papéis sociais para assumir as máscaras carnavalescas, ou seja, outros papéis sociais. Assim, um camponês poderia fantasiar-se de banqueiro e vice-versa. Durante o carnaval, o povo não trabalhava e saía às ruas todas as noites para viver o jogo carnavalesco, retornando ao lar somente pela madrugada. Vale ressaltar a importância dos espaços públicos nesses rituais, porque eles representam a liberdade da população em oposição ao espaço fechado da residência. Além disso, o princípio cômico é um elemento fulcral na medida em que tem uma potencialidade renovadora, pois o riso marca a percepção de um desvio ou da quebra de um padrão estabelecido. Portanto, o carnaval é um período de suspensão autorizada da ordem.

Com base nos rituais carnavalescos, surge a literatura carnalizada, que conserva algumas das características desses festejos populares. Segundo Bakhtin (1999), tal tradição literária se faz presente desde a Idade Média, com a obra de Rabelais, e opõe-se à seriedade da ficção idealizada. Nas obras carnalizadas há, por exemplo, a sátira, a polifonia, o dialogismo, o burlesco, o grotesco, a ironia, o baixo material e corporal, o princípio cômico e a figura do anti-herói. Portanto, a carnalização é uma linhagem literária que faz com que o leitor perceba determinada realidade a partir de um ponto de vista que não seja idealizado, mas crítico e renovador.

A literatura carnalizada caracteriza-se por uma linguagem que contém uma estrutura dialógica aberta, na qual vários discursos, vozes,

estilos e línguas relacionam-se de modo a compor um diálogo múltiplo. Essa estrutura opõe-se ao padrão monológico da ficção idealizada, no qual há apenas uma voz dominante. Além disso, a linguagem irônica das narrativas carnavalizadas apresenta um olhar crítico e cômico a respeito do aspecto que está sendo discutido, contrapondo-se a uma linguagem séria que busca a reafirmação desse aspecto narrado. Assim, a linguagem empregada nas obras carnavalizadas indica uma postura múltipla e crítica sobre o assunto narrado.

A presença da sátira nessas narrativas também está relacionada a essa postura crítica e realista, pois representa a realidade a partir de um ponto de vista destrutivo para renová-la, isto é, ao satirizarem determinado aspecto da realidade, as obras carnavalizadas apresentam uma nova possibilidade de construção do real, que nasce a partir dessa percepção de que algo não está funcionando da maneira como deveria. Quando uma narrativa apresenta uma sátira aos policiais militares, por exemplo, representando-os como violentos e alienados, ela realiza uma devoração crítica do papel desses militares e mostra aos leitores a possibilidade de revisão desses papéis sociais. Dessa maneira, a sátira é fundamental na construção de uma visão crítica e renovadora da realidade, porque mostra um desvio que precisa ser corrigido, ou seja, é uma destruição que visa à reconstrução.

Diversas vezes essa criticidade presente por meio da ironia e da sátira aparece juntamente com um princípio cômico, visto que o riso carnavalizado representa uma libertação do indivíduo frente às regras sociais estabelecidas. No caso das obras carnavalizadas, o riso traz a alegria libertadora, a renovação por meio do rebaixamento, da ridicularização de algum aspecto. Esse riso está relacionado também à concepção de corpo grotesco e ao baixo material e corporal, que se opõem à ideia de corpo perfeito e acabado presente na ficção idealizada. Nas narrativas carnavalizadas, o corpo é responsável pela deglutição, pelos atos excretórios e reprodutores. Portanto, o corpo destrói outro corpo vencido, transforma-o e renova-o, em um processo orgânico.

Além dessa ideia de corpo, outro elemento típico da carnavalização é a figura do bobo sábio ou do anti-herói, que se opõe ao herói idealizado. O anti-herói carnavalizado é um indivíduo astuto e capaz de atitudes baixas, pois não possui a nobreza de caráter do herói idealizado. Quanto à figura do bobo sábio, este é considerado louco pelo restante da sociedade por ter uma percepção apurada da realidade, ou seja, por ser capaz de enxergar aquilo que os outros não enxergam. Assim, o anti-herói carnavalizado está também relacionado ao riso, à inversão de posturas, ao desvio de padrões de comportamento e de caráter.

Considerando as características apontadas, é possível identificar algumas obras que se filiam a essa linhagem literária. Entre elas podem-se citar, por exemplo, o romance latino *O Asno de Ouro*, o romance espanhol *Dom Quixote*, os romances picarescos *Lazarillo de Tormes* e *Guzmán de Alfarache* e o romance brasileiro *Memórias de um sargento de milícias*. Assim, percebe-se que as narrativas carnavalizadas estão presentes em várias épocas e em vários lugares, o que evidencia a ampla abrangência dessa tradição literária.

Dentre as obras citadas, pode-se acrescentar o romance brasileiro *O Grande Mentecapto*, de Fernando Sabino, publicado em 1979, pois nele é possível observar a presença e o funcionamento dos elementos típicos da carnavalização de modo a construir um todo significativo que expressa uma visão crítica e renovadora. Esse jogo carnavalesco é vivido na narrativa por meio do protagonista Geraldo Viramundo.

As identidades e os nomes do protagonista

O protagonista de *O Grande Mentecapto*, Geraldo Viramundo, é um personagem complexo e ambivalente, pois passa por várias transformações ao longo da narrativa e assume diferentes identidades, utilizando diferentes nomes, o que lembra a importância da máscara para as obras carnavalizadas. É possível citar, entre as figuras com as quais o protagonista se assemelha, os personagens literários Dom Quixote, Lázaro, protagonista da obra *Lazarillo de Tormes*, e Leonardo, protagonista de *Memórias de um sargento de milícias*. Além disso, pode-se notar que o protagonista da narrativa em questão guarda semelhanças também com personagens históricas como Antônio Conselheiro e Tiradentes e com o personagem bíblico Jesus Cristo.

De Lázaro, Viramundo toma a origem, a relação com o rio e com a estrada, o caráter burlesco e a astúcia. Quanto à origem, nota-se que a família de Lázaro é pobre e baixa: o pai é um ladrão e a mãe é uma prostituta. A origem familiar de Viramundo, embora não seja considerada baixa ou torpe, também é pobre e vítima de suspeitas: algumas pessoas insinuavam que seu pai e sua mãe, um português e uma italiana, mudaram-se para Minas Gerais porque estavam fugindo da justiça.

Sobre a relação com o rio e a estrada, observa-se que Lázaro nasceu dentro do rio Tormes e, por isso, recebeu o nome de Lázaro de Tormes. Assim, sabe-se que o rio faz parte da constituição de Lázaro, servindo-lhe de sobrenome e designando seu lugar natal. Além do rio, a estrada também tem papel fundamental na trajetória de Lázaro, porque ele percorre várias cidades ao longo da narrativa. Viramundo, por sua vez, também estabelece

uma relação íntima com o rio da cidade de Rio Acima, onde nasceu, pois, em seus mergulhos, ele desafiava a natureza e os limites entre vida e morte tentando permanecer embaixo d'água o maior tempo possível. Igualmente, a casa em que Viramundo nasceu ficava à beira da estrada e ele cresceu brincando nela. A estrada era uma parte da casa da família Boaventura, portanto o lar de Viramundo.

Outro traço que aproxima o protagonista da figura do pícaro é sua astúcia, visto que ele tem uma esperteza natural, conseguindo resolver situações complicadas com grande facilidade. Essa astúcia é um elemento típico da literatura carnalizada, porque deflagra a esperteza do anti-herói, que consegue tirar o máximo de proveito possível das situações. No caso do pícaro, essa astúcia se faz presente desde a infância, pois ele aprende desde menino que a realidade não lhe é favorável e cabe-lhe enfrentá-la para conseguir alcançar seus objetivos. A astúcia é o principal método empregado pelo pícaro nesse enfrentamento. No quarto capítulo de *O Grande Mentecapto*, por exemplo, quando é internado contra sua vontade em um hospício na cidade de Barbacena, Viramundo consegue fugir do local deixando outro personagem em seu lugar.

Quando chega à referida cidade, o protagonista dirige-se à granja do alemão Herr Bosmann com a finalidade de comprar rosas. Como não possui dinheiro para pagar por elas, o alemão o expulsa do local de maneira violenta. Na mesma cidade, Viramundo conhece o vendedor de esterco Barbeca, com o qual faz amizade e planeja vingar-se de Bosmann destruindo seu roseiral. Os dois amigos logram vingar-se, mas Barbeca acaba preso e Viramundo recolhido a um hospício por apresentar um comportamento desviante dos padrões estabelecidos. Depois disso, o alemão vai até o hospício para conferir se o protagonista efetivamente foi internado no local. Nesse momento, Viramundo veste um jaleco de médico e afirma a dois enfermeiros que:

[...] ali na sala de espera estava um perigoso paciente que ele viera trazer, sujeito a crises de cólera nas suas alucinações, dizendo-se estrangeiro e dono de extensos roseirais na cidade; urgia fosse imediatamente internado, tanto mais que, na sua sandice, dizia-se vítima dele próprio, Dr. José Geraldo Peres da Nóbrega e Silva, renomado alienista, com longa prática nos hospitais de Berlim e Viena e que, transvertido num vagabundo qualquer, teria destruído suas roseiras. (SABINO, 2006, p. 91).

Valendo-se desse artifício, os enfermeiros internam Herr Bosmann e Viramundo foge pela porta da frente do hospício vestido como médico. Além dessas características que aproximam o protagonista do pícaro espa-

nhol, podem-se citar o caráter anti-heroico, a ruptura dos padrões, o desajuste diante da realidade. Vale ressaltar, porém, que o pícaro busca ascender socialmente pela trapaça e Viramundo aceita a exclusão social que sofre, buscando transformar a realidade.

Leonardo Filho, protagonista de *Memórias de um sargento de milícias*, que integra essa linhagem de anti-heróis carnavalizados, assim como o pícaro espanhol, também é astuto e procura ascender socialmente pela trapaça, mas um traço que o diferencia de Viramundo é a sua rejeição ao trabalho. Leonardo não aceita ter de trabalhar e acaba realizando um casamento vantajoso, que lhe garante uma alta posição social e uma boa condição financeira. Viramundo, por sua vez, não é avesso ao trabalho, pois, quando completa quinze anos, passa a trabalhar na olaria do pai, juntamente com seus irmãos. Com o passar de alguns anos, como o pai prospera nos negócios, ele não permite que o protagonista continue trabalhando na olaria, porque considera o trabalho no local exaustivo demais.

Outra figura com quem Viramundo se assemelha é a de Cristo, herdando-lhe a pureza de sentimentos, a obstinação, a submissão e a humildade. Assim como Cristo, ele é um indivíduo bastante despojado de bens materiais, corajoso, disposto a defender os mais fracos e oprimidos, a suportar dores em silêncio e a sacrificar-se pelos outros. A figura de Cristo, além de ser respeitada universalmente, representa um ser conflituado e incompreendido que traz o divino e o humano dentro de si. Enfim, Cristo é o símbolo do ideal de ser humano, é a síntese entre o sublime e o humano.

Como é possível observar, Viramundo também é um indivíduo conflituado e ambivalente, que oscila entre as categorias de herói e anti-herói, pois possui, concomitantemente, a astúcia anti-heroica e a pureza de sentimentos e de caráter heroica. Além de Cristo, Dom Quixote também pode ser lembrado como uma referência para a constituição da personagem Geraldo Viramundo. Dom Quixote, da mesma forma que Cristo e Viramundo, considera o sacrifício como um dever, submete-se ao seu destino e está decidido a cumprir sua missão. Além desses ideais cavalheirescos em comum, o protagonista de Cervantes tem uma relação de amor cortês com Dulcineia, assim como Viramundo tem uma relação com Marília Ladisbão, a filha do Governador Geral da Província de Minas Gerais.

No terceiro capítulo do romance, quando caminhava pelas ruas de Ouro Preto, Viramundo quase foi atropelado pelo cortejo de carros do Governador e, por causa de uma confusão, conhece Marília:

Ora, acompanhava o Governador Ladisbão sua filha Marília, gentil senhorita de ricas prendas e bela de porte, esbelta de maneiras, moça de fino trato e esmera-

da educação. E Viramundo, ao vê-la pela primeira vez, devido a um lamentável equívoco, viu nela o ente escolhido de seu coração.

Foi o caso que Viramundo ia seguindo por um princípio de estrada certa tarde, a caminho do barracão do velho Elias, um cego com quem travara amizade no adro de uma igreja e a quem regularmente visitava, quando surgiu atrás dele um grande cortejo de carros: era o Prefeito que levava o Governador Ladisbão a inaugurar a ponte Governador Ladisbão, construída no distrito Governador Ladisbão. Distraído, Viramundo não ouviu a insistente buzina do automóvel a poucos metros pedindo passagem. Não fora o chofer, enraivecido, ter botado a cabeça para fora e gritado “saia da frente, imbecil”, eu estaria fadado a colocar neste instante o ponto final no relato de suas aventuras, desventuras e peregrinações. Assustado com o grito, Viramundo deu um salto para o lado, não sem que o para-lama dianteiro do automóvel o atingisse, atirando-o à distância: o grande mentecapto deu duas voltas no ar e focinou de cheio a poeira. O carro deteve-se pouco adiante e foi então que ele, ainda aturdido com o choque, ouviu a bela Marília exclamar para o chofer:

– Você quase matou o vagabundo!

Antes nunca o tivera ouvido: ouviu mal, pois entendeu que ela dissera “Você quase matou o Viramundo”. E seu coração se encheu de gratidão, ao sentir que pela primeira vez alguém reconhecia que ele, embora sendo o Viramundo, não era qualquer pessoa que se atropela e mata pelas estradas apenas porque o senhor Governador está com pressa. (SABINO, 2006, p. 63-64).

Com base no trecho acima, é possível perceber que o protagonista é um indivíduo excluído e o fato de um andarilho como ele apaixonar-se pela filha do Governador é irônico porque revela o abismo social existente entre ambos. Assim, o episódio revela uma crítica à desigualdade social e, por meio de Viramundo, apresenta ao leitor a possibilidade da existência de uma relação amorosa entre pessoas pertencentes a classes sociais distintas, como ocorria no amor cortês. Evidentemente, a gratidão e o amor que o protagonista tem por Marília são desencadeados por um equívoco e a relação entre os dois não passa de um devaneio de Viramundo.

A partir desse momento, alguns estudantes de Ouro Preto passam a escrever cartas ao protagonista fazendo-se passar por Marília, e Viramundo, pensando ser correspondido, nutre pela filha do Governador um amor muito puro e sincero ao longo de vários anos, até descobrir que tudo não passou de uma farsa e sentir-se arrasado. Essa frustrada relação amorosa entre os dois traz uma crítica também à crueldade humana dos estudantes em abusarem da inocência e da nobreza de sentimentos do protagonista. Observa-se ainda que essa relação amorosa pode estar fazendo referência ao texto árcade de Tomás Antônio Gonzaga, denominado *Marília de Dirceu*, no qual o amor idealizado também se faz presente.

Vale ressaltar, porém, que a principal semelhança entre Dom Quixote e Viramundo é a temática da loucura:

Presentimos sempre no louco algo que não lhe pertence, como se um espírito não-humano se tivesse introduzido na sua alma. [...] o grotesco empregou de maneira radicalmente diferente o motivo da loucura: a fim de liberar-se da falsa 'verdade deste mundo' e contemplá-lo com um olhar liberto dessa 'verdade' (BAKHTIN, 1999, p. 43).

Como é possível observar, Viramundo tem alguns comportamentos incomuns porque enxerga a realidade a partir de outro ponto de vista. Por conta disso, ele é considerado louco em diversos episódios da narrativa, visto que sua percepção apurada da realidade e suas posturas que não se adequam aos padrões revelam o absurdo de algumas situações e expressam uma crítica. De acordo com Bakhtin (1999), o louco está muito próximo da figura do bobo-sábio, ou seja, daquele indivíduo que é considerado bobo pela sociedade, mas que conserva uma grande sabedoria por ser capaz de perceber o mundo de maneira crítica. Assim, possuído de uma loucura quixotesca, Viramundo torna-se um personagem revolucionário, que busca transformar a realidade com a qual se depara.

No quinto capítulo do romance, por exemplo, quando Viramundo é obrigado a servir como soldado em uma guerra sem sentido, de maneira semelhante à Dom Quixote, ele ataca um rebanho de cabras:

[...] eis que Viramundo se despenha desembestado morro abaixo, como se estivesse debaixo de bala num cavalo a galope, e, brandindo seu rebenque, investe contra um rebanho de cabras que pastava bucolicamente nas fraldas do outeiro, julgando tratar-se de tropa inimiga. E o fez de maneira tão quixotesca que, para fielmente descrever o que se passou, terei de fazê-lo em espanhol:

Las cabras huían sin rumbo, ganando el campo, a los berridos y enloquecidas, pues el gran mentecato repartía rebencazos a troche y moche como si pretendiese aniquilar a todo un ejército. Entreverávanse entre las piernas de los soldados, perturbando su embestida y echando a perder toda la estrategia que el capitán Papi-tas había planeado en detalle. El mismo, desesperado, erguíase en la cumbre de la colina, equilibrando sus anteojos de larga vista. Barajaba la hipótesis de que una bala imaginaria del enemigo pudiese cogerle de sorpresa. Y sus gritos estridentes rebotaban en la llanura:

– Sujetad a ese loco! Liquidádlo antes que él me embadurne la guerra!

Extenuado, después de haber dado fuga al rebaño que se desparramaba por el valle, Viramundo detúvose, jadeando, y alzó la mirada con aire arrogante, con la certeza de que recogería los laureles de la victoria. Mientras tanto el Sargento Baldonado, cumpliendo religiosamente las órdenes del comandante, consiguió alcanzarle y aplicóle un tremendo puñetazo, arrojándole al suelo, desfallecido.* (SABINO, 2006, p. 123-124).

Ao transcrever o suposto texto de Cervantes para a narrativa, o narrador coloca Viramundo no papel de Dom Quixote e realiza uma renovação

do texto espanhol, fazendo uma crítica à violência e à alienação militar, pois nenhum personagem da narrativa sabia o motivo da guerra na qual estava lutando. Portanto, os personagens limitavam-se meramente a obedecer às ordens dos comandantes sem questioná-las, o que revela a falta de senso crítico desses indivíduos. Ao colocar Viramundo no papel de Dom Quixote, o narrador relata um episódio cômico no qual o ataque às cabras é tão descabido e ridículo como a própria guerra vivenciada.

Nessa medida, a loucura do protagonista é, na verdade, um procedimento por meio do qual *O Grande Mentecapto* opera uma inversão da realidade oficial, mostrando o falso, a sordidez dessa realidade. Por meio do olhar de Viramundo, o leitor consegue notar aspectos da realidade nunca antes percebidos e pode refletir criticamente sobre esses aspectos considerados pela sociedade como normais e aceitáveis. No segundo capítulo, por exemplo, uma multidão enfurecida vai à casa da viúva Correia Lopes e tenta apedrejá-la porque ela adota um comportamento moral condenável. Nessa oportunidade — que lembra o episódio bíblico do apedrejamento da então prostituta Maria Madalena —, Viramundo percebe tal atitude como descabida e defende a viúva:

– Matem, matem logo! Mas me matem a mim primeiro! Ninguém encosta a mão num fio de cabelo dessa mulher sem passar por cima do meu cadáver! Jesus disse para os fariseus: “Aquele dentre vós que está sem pecado, seja o primeiro que lhe atire uma pedra”. São João, capítulo oito, versículo sete. Pois atirem a primeira pedra (SABINO, 2006, p. 49).

Nesse episódio, a obra de Sabino questiona os limites entre a razão e a loucura e satiriza determinados comportamentos por meio do olhar liberto do protagonista e de sua diferente percepção da realidade. Além dos aspectos apontados, é possível destacar mais algumas aproximações entre Dom Quixote, Cristo e Viramundo: os três ambos são andarilhos, percorrem variados espaços para cumprirem sua missão e vivem em outro mundo, agem de acordo com outra lógica. Por fim, pode-se dizer que eles têm algo de trágico expresso em suas trajetórias de vida e nos momentos de suas mortes.

Vale ressaltar que a semelhança entre a morte de Cristo e a de Viramundo representa a esperança da vinda, da construção de uma nova realidade. Conforme destacado anteriormente, o protagonista é um indivíduo revolucionário, que assume o papel de porta-voz dos fracos e oprimidos, ou seja, dos socialmente marginalizados. Assim, no final do romance, ele lidera uma revolução na cidade de Belo Horizonte, para exigir do Governador Ladisbão condições dignas de vida aos marginalizados, mas o Governador não atende às suas reivindicações. Depois disso, Viramundo parte em jornada cívica

com seus amigos, o Capitão Batatinhas e Barbeca, saindo de Minas para levar seu protesto ao *Chefe das Nações*, que pode referir-se ao Presidente da República ou a Deus.

Nessa viagem, o protagonista e seus amigos acabam retornando à cidade de Rio Acima, terra natal de Viramundo, que não reconhece o lugar. O Capitão Batatinhas e Barbeca apanham um queijo, um pacote de biscoitos de polvilho e um pedaço de tocinho em um armazém da cidade, mas Viramundo recusa-se a comer com eles. Quando ambos retiram-se para buscar água no rio, o protagonista, sentindo-se angustiado e abandonado, é morto pelas mãos do irmão mais velho, Breno, que era dono do armazém que foi de seus pais:

Não ficou muito tempo sozinho. De súbito ouviu vozes e se viu rodeado de vários homens irados, alguns armados de pedaços de pau, que se abateram sobre ele:

– Foi este mesmo!

– Olha o saco ali no chão.

Atordoado com as pancadas que recebia de todo lado, pensou apenas que esta era a emboscada temida [...]. Agora era ficar bem quieto para não denunciar ao inimigo a presença dos companheiros, talvez eles escapassem. Nem percebeu quando alguém apareceu com uma corda e o amarraram na árvore, continuando a castigá-lo aos socos, pontapés e pauladas:

– Pra você aprender a roubar a sua mãe, seu canalha.

Se Viramundo pudesse abrir os olhos já cegos pelo sangue que escorria, talvez reconhecesse o que falara, de nome Breno, e que era dono do armazém.

Quando seu corpo já pendia sobre as cordas que o amarravam, aparentemente sem vida, aquele que se chamava Breno convocou os companheiros:

– Vamos embora, pessoal, que ele já recebeu sua lição.

Um jovem, fazendo trejeitos, ainda espetou com uma vara o corpo inerte, à altura do tórax, cantando “Judas já morreu! Quem manda aqui sou eu!”, e se afastou rindo, em meio aos demais (SABINO, 2006, p. 226-227).

Tendo uma morte semelhante à de Cristo e sendo um personagem que luta pela liberdade e pela dignidade humanas, Viramundo apresenta a possibilidade de uma nova construção do real, pois, assim como Cristo ressuscita no terceiro dia, espera-se que, após sua morte, Viramundo retorne trazendo consigo uma nova realidade, mais justa e humana. Portanto, a morte é representada não só em seu aspecto negativo, mas também em seu aspecto positivo, na medida em que traz a esperança da construção de uma nova realidade brasileira e universal.

Vale destacar que o protagonista é, em diversos momentos da narrativa, também comparado a Tiradentes e a Antônio Conselheiro, por ter esse caráter revolucionário e adotar posturas que desafiam aqueles que detêm o poder. Dessa maneira, mesmo tendo características anti-heroicas, ele luta

por seus ideais e revela a esperança na construção de uma nova realidade. Nisso reside o caráter transformador e renovador dos protagonistas das obras carnavalizadas.

Por trabalhar com temas inerentes à condição humana — dramas, questionamentos, medos, fraquezas, sonhos —, *O Grande Mentecapto* tem como protagonista um indivíduo com o qual os leitores se solidarizam, porque suas aventuras e desventuras são inerentes à condição humana. Viramundo é uma mistura de diversos traços, é a síntese entre o elevado e o baixo, entre a razão e a loucura, entre a fantasia e a realidade, entre o ideal e o burlesco, entre o sublime e o grotesco, entre o herói e o anti-herói, seu lugar é o entre, e essa ambivalência gera a complexidade da personagem. Mais que isso, Viramundo é um instrumento por meio do qual se apresenta a cosmovisão carnavalizada, porque é através de sua postura, de seu discurso, de suas aventuras e seu olhar que a sátira se constitui e a carnavalização acontece.

A respeito dos diferentes nomes adotados pelo protagonista, que estão vinculados aos mascaramentos e identidades que este assume, é possível dizer que o nome de batismo de Viramundo é, na verdade, Geraldo Boaventura, o que soa irônico, pois é considerado bem-aventurado aquele que se encontra em uma situação de plena felicidade. Nota-se que Geraldo sofre muito durante toda a sua vida, não estando nessa situação de felicidade. Além disso, o termo “bem-aventurado” também se aplica àquele que, depois da morte, desfruta da felicidade celestial e eterna.

Considerando o sobrenome de Geraldo segundo esse ponto de vista e as circunstâncias de sua morte, é possível pensar que tal sobrenome não é descabido, pois a morte de Geraldo tem uma dimensão divina na medida em que ele pode ter encontrado a felicidade ao morrer, ou seja, ao cumprir seu destino, fazendo a passagem para outro plano, e encontrar-se com o *Chefe da Nação*. A promessa de uma vida celestial e eterna feliz aparece logo no início do romance, por meio de uma epígrafe na qual se cita o *Evangelho de Mateus* (1990, Mt 18, 4): “todo aquele, pois, que se fizer pequeno como este menino, este será o maior no reino dos céus”.

Ao longo de sua vida, o protagonista coleciona os mais variados apelidos, mas conserva em todos eles o nome Geraldo. A diversidade de apelidos é grande e a maneira como eles estão formalmente dispostos no livro chega a constituir uma paródia das conhecidas ladainhas religiosas:

[...] Geraldo Sitibundo
Geraldo Vila Rica
Geraldo Facada
Geraldo Pancada
Geraldo Boi

Geraldo Carneiro
Geraldo Capelinha
Geraldo Uai
Geraldo Pitimba
Geraldo, o Cagado de Arara
Geraldo Passa-Quatro [...] (SABINO, 2006, p. 53).

Vale destacar, porém, que Geraldo recebe essas alcunhas por causa das aventuras que vivencia, mas o principal apelido de Geraldo Boaventura é *Viramundo* e as condições em que o protagonista recebe a alcunha são peculiares. No episódio do trem de ferro, Geraldo, em uma brincadeira infantil, desafia uma locomotiva em movimento, colocando-se sobre os trilhos até fazer com que a mesma pare. O protagonista sai vitorioso, mas depara-se pela primeira vez com a ameaça da morte, que lhe trará graves consequências.

Ao parar o trem, Viramundo é considerado pelos demais um herói, mas um de seus amigos, ao tentar imitar seu feito, é morto pelo trem. Essa primeira morte trágica é marcante na vida de Viramundo, porque, além da tristeza que ele tem de enfrentar pela morte do amigo, toda a cidade passa a considerá-lo culpado dessa morte. A partir desse momento, Viramundo é excluído da sociedade, torna-se a ovelha negra da família e passa a ser um menino solitário e triste. Depois do falecimento do amigo, Viramundo passa a sentir medo da morte e desejo de partir de Rio Acima, de atender ao chamado da estrada. Assim, Viramundo tenta identificar-se com o Padre Limeira por perceber que ele também era tratado de maneira distinta e decide partir para o seminário da cidade de Mariana.

No seminário, adota uma postura incomum, envolve-se em uma confusão e acaba expulso dessa cidade. Com essa nova exclusão, Geraldo assume seu nome e sua condição de Viramundo, iniciando uma trajetória de aventuras pelas mais variadas cidades sem nunca sair de Minas Gerais: “voltou-lhes as costas, começando a palmilhar a longa estrada noite adentro, sob a claridade da lua e das estrelas. E foi assim que, aos dezoito anos, Geraldo se tornou Viramundo” (SABINO, 2006, p. 51).

A palavra “viramundo” designa o andarilho, a pessoa que peregrina pelas estradas, e também o grilhão que se prendia à perna dos escravos para impedi-los de fugir, simbolizando a opressão e o escravizado. Portanto, viramundo é um termo ambivalente que simboliza, ao mesmo tempo, a liberdade e a prisão. Considerando os dois significados do apelido, pode-se dizer que ele se adequa bem ao protagonista, pois este é um andarilho que nunca consegue cruzar as fronteiras de Minas Gerais. Assim, o espaço mineiro alegoriza a prisão.

Segundo Bakhtin (1999), esses apelidos são próprios das obras de natureza carnavalesca, pois ajudam a compor uma forma dialógica ambivalente e não se distanciam das raízes populares. Considerando outros elementos formais e diegéticos do livro, é possível notar que o título, *O Grande Mentecapto*, também faz uma menção ao protagonista. Nele, o termo “mentecapto” designa o louco, mas combinado com o adjetivo “grande”, a palavra passa a designar também o superior, o generoso. Portanto, Viramundo é designado como grande e mentecapto, ou seja, ele é concomitantemente superior, nobre e louco, assim como Dom Quixote. Dessa maneira, o protagonista ganha um verniz de respeitabilidade que faz com que o leitor e o próprio narrador se afeiçoem a ele.

A inversão de posturas

Pode-se notar que, durante toda a sua trajetória, Viramundo inverte as posturas consideradas habituais, comportando-se de modo incomum. Por conta disso e de sua sinceridade e inocência, muitas vezes o protagonista participa de confusões. Quando está no seminário da cidade de Mariana, por exemplo, Geraldo Viramundo ouve a confissão da viúva Correa Lopes e esta, pensando estar diante do Padre Tibério, revela-lhe que seu falecido marido tinha o desejo de manter relações sexuais com ela. Diante disso, o protagonista indigna-se com a atitude da viúva e decide dizer-lhe o que realmente pensa sobre o assunto:

- Estou esquisito, primeiro, porque não sou o Padre Tibério. Segundo, porque acho esquisito é a senhora...
- Hein? O quê? Não é o Padre Tibério?
- ...vir me dizer sem mais nem menos que o seu marido, até depois de morto, ainda queira fornicar com a senhora. Pois não foi disso que ele morreu? Terceiro, porque se a senhora também quer...
- Quem é o senhor? Quem é o senhor?
- Sou um seminarista. Se a senhora também quer, então isso quer dizer que...
A viúva dava gritinhos:
- Um seminarista? Então eu me confessei com um seminarista? E o Padre Tibério? O que é que o senhor está fazendo aí dentro?
Geraldo Viramundo prosseguia, imperturbável:
- ...quer dizer, de duas, uma: ou o seu marido não morreu e a senhora então não tem nada que estranhar ele querer, ou ele morreu mesmo e — que a paz do Senhor esteja com ele! — a senhora está querendo fornicar com alguém mais. Os mortos não fornicam, Dona Peidolina (SABINO, 2006, p. 39).

Como se pode observar, a sinceridade excessiva de Viramundo e sua atitude anti-heroica de esconder-se para dormir dentro de um confessionário fazem com que ele envolva-se em cômicas confusões. É possível citar muitos outros episódios nos quais os comportamentos anti-heroicos do protagonista desencadeiam aventuras e desventuras desse ao longo da narrativa. Quando está na cidade de Tiradentes, por exemplo, Viramundo faz amizade com o presidiário João Tocó e este lhe narra sua triste história de vida. Compadecido com a atual situação do presidiário, o protagonista age da seguinte maneira:

– Tem seis anos que você não vê sua mulher e seus filhos?

João Tocó assentiu, os olhos cheios de lágrimas:

– Não sabem nem onde é que eu tou.

– Vou ajudá-lo a sair daqui, se você prometer que volta — disse Viramundo. E contou-lhe o que estava planejando.

Esperaram que escurecesse e somente então Viramundo chamou o carcereiro:

– Abre aqui que eu quero ir embora!

O carcereiro veio abrir, rindo:

– Pensei que você queria ficar aqui pra sempre.

Na meia luz da cadeia, não viu que foi João Tocó quem deslizou para fora em lugar de Viramundo, pois os dois haviam trocado de roupa (SABINO, 2006, p. 157).

Depois da troca, Viramundo permanece preso por um ano e dois meses, porque João Tocó nunca mais volta. O episódio acima é cômico, porque o protagonista mostra-se astuto e ingênuo ao mesmo tempo: utiliza sua astúcia para planejar a fuga de João Tocó e é ingênuo por acreditar que o presidiário visitará sua família e voltará para a cadeia. Essa ambivalência de Viramundo é um dos traços que gera sua complexidade.

Além desses comportamentos, a figura física do protagonista é considerada grotesca, pois o corpo do protagonista é apresentado por meio de uma concepção carnalizada, segundo a qual os órgãos do sistema digestivo, excretor e reprodutor também são considerados. Nas narrativas idealizadas, o corpo é representado de maneira acabada e perfeita e ações como comer, beber, excretar, manter relações sexuais e dar à luz — relacionadas ao baixo material e corporal — não são enfatizadas. Em *O Grande Mentecapto*, porém, há várias situações nas quais essas ações estão presentes. Pode-se mencionar, por exemplo, a ocasião em que se oferece um baile em honra ao Governador Ladisbão na cidade de Ouro Preto.

Nessa festa, Viramundo come exageradamente e, acometido por uma diarreia, irriga o salão do baile com suas fezes:

Ao fim, viu-se às voltas com inadiável necessidade de aliviar-se de tanta comilância, agrilhado por uma ingente, urgente e pungente dor de barriga.

Correu ao toalete, encontrou-o ocupado. Aguardou alguns minutos preciosos, mas como não pudesse mais se conter e temendo um desastre, embarafustou-se pelos corredores do clube, subiu correndo uma escadinha de ferro em espiral. Suspirou, aliviado, vendo-se sozinho no sótão escuro e abandonado. Premido pela urgência, mal pôde dirigir-se à boca de um cano aberto a um canto, e já baixava as calças. Era provavelmente um cano de esgoto, portanto mais do que propício, e...

Jamais poderia eu descrever o que se passou então. Faltam-me engenho e arte para dar idéia da cena dantesca que se seguiu. Direi apenas que o referido cano não era de esgoto, mas mera entrada de ar para um ventilador que girava diretamente sobre o salão de baile (SABINO, 2006, p. 79).

Considerando-se, que, nas narrativas carnavalizadas, o baixo material e corporal apresenta uma dimensão positiva – pois nos sistemas digestivo, excretor e reprodutor estão situados os órgãos responsáveis por dar vida aos indivíduos –, o corpo de Viramundo é responsável pelo processo de devoração, transformação e renovação do outro corpo vencido. Assim, seu corpo é carnavalizado.

Além disso, a linguagem do protagonista é vista como desviante, pois ela inverte os significados de algumas palavras, colocando o discurso do romance ao lado da multiplicidade, do dialogismo e da polifonia carnavalizados. Portanto, a linguagem de Viramundo é fundamental na construção de um discurso romanesco singular, capaz de proporcionar a renovação linguística e a libertação dos padrões discursivos estabelecidos.

No terceiro capítulo, por exemplo, quando conhece o estudante Dionísio na cidade de Ouro Preto, Viramundo tem com ele o seguinte diálogo:

- Onde é que você mora? – perguntou.
 - Ainda não fixei residência.
 - Pois então venha comigo. Moro numa república.
 - Muito obrigado. Sou monarquista, mas respeito os regimes legalmente constituídos.
 - Você tem algum dinheiro? – insistiu o estudante.
 - No momento estou desprevenido. Lamento não poder atendê-lo.
- E acrescentou, metendo a mão no bolso:
- Ou por outra: se não me falha a memória, disponho desta moeda, que achei ali na rua. Cuja, aliás, vou dá-la de esmola. A César o que é de César, a Deus o que é de Deus (SABINO, 2006, p. 60-61).

Nessa conversa, Viramundo inverte o sentido da palavra “república”, porque a toma no significado de regime político e não de residência dividida por vários estudantes. Além disso, o protagonista inverte a pergunta de Dionísio sobre sua situação financeira e procura ajudar o estudante,

ao invés de ser ajudado por este. Essas inversões de comportamentos e de discursos fazem com que Viramundo seja considerado pela sociedade como um louco.

Conclusão: a ambivalência e a complexidade

Com base nos elementos acima discutidos sobre a natureza do protagonista de *O Grande Mentecapto*, pode-se perceber que essa obra filia-se à tradição literária carnalizada, pois, por meio de Geraldo Viramundo, apresenta muitas de suas características típicas. O protagonista do referido romance é um indivíduo complexo e multifacetado, que oscila entre as categorias de herói e anti-herói, de sublime e grotesco, de louco e lúcido e de brasileiro e universal. Assumindo diferentes identidades e nomes, Geraldo Viramundo é um personagem marginalizado que desafia o poder, lutando por condições dignas de vida, pela redução da desigualdade social e pela liberdade.

Além disso, ele é o porta-voz da sátira no romance, pois, por meio de sua visão, sua figura, seu discurso, seus comportamentos é que a carnalização se realiza e o romance nos traz um posicionamento crítico em relação à realidade brasileira e humana representada. Portanto, Viramundo atua como um instrumento de ruptura e de luta pela liberdade, sendo fundamental na construção de uma visão renovadora da cultura brasileira e resgatando o diálogo do romance brasileiro contemporâneo com a tradição carnalizada. Assim, o romance apresenta ao leitor a possibilidade de rever a realidade a partir de outra lógica.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1999.

SABINO, F. *O Grande Mentecapto: relato das aventuras e desventuras de Viramundo e de suas inenarráveis peregrinações*. 67. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.

SOCIEDADE BÍBLICA CATÓLICA INTERNACIONAL. *Bíblia Sagrada*. Ed. Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.